

O PAPEL DOS LAÇOS INVISÍVEIS EM PROFISSÕES DOMINADAS POR ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Autoria

Samuel Martins - samuel.contador.77@hotmail.com

Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA / PUC Minas - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

GLAUCIA MARIA VASCONCELLOS VALE - galvale@terra.com.br

Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA / PUC Minas - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Resumo

Muitas investigações buscam associar emprego e profissão com a temática dos laços sociais, com destaque para laços fortes e fracos. Muito recentemente, alguns autores chamaram atenção para o fato de a vida social também ser construída por “laços invisíveis”, capazes de forjar senso de identidade comum entre pessoas aparentemente sem comunicação pessoal direta ou indireta entre si, mas pertencentes a uma mesma comunidade urbana, compartilhando senso de identidade comum. O presente trabalho apropria-se, de maneira pioneira desse conceito, ampliando-o para outros tipos de comunidades, igualmente dotadas de identidade, e o associa à abordagem sobre construção social de gênero e suas repercussões nas profissões, visando a esboçar um novo modelo teórico compreensível para estudos de indivíduos em profissões dominadas por estereótipos de gênero. O resultado explicita interconexões e interfaces entre as dimensões relacional e cultural, em que o tema das identidades se encontra fortemente presente.

O PAPEL DOS LAÇOS INVISÍVEIS EM PROFISSÕES DOMINADAS POR ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Resumo

Muitas investigações buscam associar emprego e profissão com a temática dos laços sociais, com destaque para laços fortes e fracos. Muito recentemente, alguns autores chamaram atenção para o fato de a vida social também ser construída por “laços invisíveis”, capazes de forjar senso de identidade comum entre pessoas aparentemente sem comunicação pessoal direta ou indireta entre si, mas pertencentes a uma mesma comunidade urbana, compartilhando senso de identidade comum. O presente trabalho apropria-se, de maneira pioneira desse conceito, ampliando-o para outros tipos de comunidades, igualmente dotadas de identidade, e o associa à abordagem sobre construção social de gênero e suas repercussões nas profissões, visando a esboçar um novo modelo teórico compreensível para estudos de indivíduos em profissões dominadas por estereótipos de gênero. O resultado explicita interconexões e interfaces entre as dimensões relacional e cultural, em que o tema das identidades se encontra fortemente presente.

Palavras-chave: Laços Sociais; Laços Invisíveis; Gênero; Profissão

Introdução

Influenciada, sobretudo, por Granovetter (1973, 1975, 1983, 1985), a literatura acerca do emprego e profissão avançou nas últimas décadas (1990-2020), abarcando um grande conjunto de publicações (Barbulescu, 2015; Goel & Lang, 2019; Greenberg & Fernandez, 2016; Kuzubaş, 2015; Obukhova, 2012), que passaram a recorrer aos conceitos de laços fracos e fortes para avaliar condições de acesso e mobilidade em diferentes carreiras e contextos organizacionais.

Se, por um lado, a ênfase em relações interpessoais, presente na dicotomia laços fracos e laços fortes, tornou-se um tema recorrente de muitos estudos na área, tal fato, por outro lado, oblitera o fato que a vida social, em que se insere a dimensão trabalho e profissão, também é constituída por relações sociais de natureza impessoal e aparentemente ausentes, mas capazes de ajudar a forjar o liame que une diferentes indivíduos dentro de uma determinada sociedade ou comunidade, ainda que eles possam ser desconhecidos uns dos outros ou não desenvolverem qualquer tipo de comunicação pessoal entre si. Tais estruturas de compartilhamento foram designadas por Felder (2020) de laços invisíveis e abordadas por alguns outros autores (Blokland, Krüger, Vief & Schultze, 2022, Mazlish 2000). Como comentado por Mazlish (2000, p. 4), “laços invisíveis ajudam a conectar indivíduos na sociedade”.

Apesar da aparente relevância da noção de laços invisíveis (*invisible ties*), essa parece ter permanecido praticamente inexplorada no contexto das ciências sociais, em geral, até mais recentemente (Felder, 2020). Entende-se por laços invisíveis (Felder, 2020, p. 9) as “relações com estranhos conhecidos”. Melhor dizendo, com atores com os quais o sujeito interage, indiretamente e visualmente, sem, contudo, desenvolver qualquer relação de natureza pessoal.

Para Felder (2020), a proposição sobre “laços invisíveis” emergiria como acréscimo conceitual para estudo de estruturas de união no interior de comunidades ou agrupamentos humanos presentes em espaços geográficos definidos no interior de centros urbanos, um bairro, por exemplo, onde ocorrem interfaces sociais entre muitas pessoas que podem, inclusive, não se conhecer, diretamente, mas se reconhecem como membros de uma mesma comunidade. E, como tal, são capazes de usufruir dos benefícios de um pertencimento comum.

Nesse contexto, laços invisíveis (Felder, 2020; Blokland *et al.*, 2022; Mazlish 2000), seriam resultantes de interações passíveis de ocorrer em encontros e cruzamentos fortuitos de indivíduos de uma mesma comunidade, ainda que cada um deles permaneça desconhecido e/ou distante para o outro. Ao gozarem do benefício do pertencimento, eles sabem se reconhecer como membros de uma mesma comunidade, dotados de uma dimensão comum de identidade, ainda que nunca tenham conversado ou estabelecido algum tipo de comunicação direta ou indireta entre si. Felder (2020) acaba por propor que a avaliação de laços seja realizada segundo um contínuo entre dois extremos, anonimato e intimidade, ficando: laços invisíveis, laços fracos e laços fortes.

Embora, no caso de Felder (2020), tal conceito tenha se mostrado particularmente rico no estudo de comunidades urbanas dotadas de algum senso de identidade, entendemos que possa ser ampliado, extrapolando a dimensão inicial de interesse, para abarcar outros tipos de comunidades não necessariamente inseridas em uma mesma região espacial ou geográfica. Teoricamente, membros de comunidades dotadas de forte senso de identidade, ainda que espalhadas espacialmente, poderiam usufruir de um mesmo liame de união, dado por laços invisíveis. Indivíduos podem não desenvolver relações pessoais entre si, mas são capazes de se reconhecer como membros de uma mesma comunidade, usufruindo dos benefícios de pertencimento ao conjunto.

No contexto profissional, tal concepção parece-nos particularmente atraente para análise de indivíduos em profissões dominadas por estereótipos de gênero, em que o tema de identidade encontra-se fortemente presente. Indivíduos capazes de ingressar nessas profissões provavelmente foram capazes de romper e superar fortes barreiras culturais. A literatura sobre “implicações da variação cultural sobre indivíduos e suas carreiras (Goldberg, Srivastava, Manian, Monroe & Potts, 2016, p. 3) é bastante diversificada, buscando suas bases sobretudo em abordagens da Sociologia Clássica e da Psicologia Social.

No caso específico do presente trabalho, pretendemos associar a literatura sobre laços sociais, com destaque para laços invisíveis, com a literatura que aborda a temática de gênero como construção social, e suas implicações no campo das profissões, visando a esboçar um modelo teórico para futuras análises de indivíduos que ingressam em profissões dominadas por estereótipos de gênero.

Observa-se que a associação entre as duas literaturas é totalmente nova no contexto dos estudos organizacionais. Levantamentos realizados junto a alguns dos principais periódicos de administração, utilizando as palavras-chave “laços sociais” *and* “laços invisíveis”, associados ou não às palavras-chave trabalho “*and/or*” profissão, não foram encontrados artigos. Embora ausente, tal tema reveste-se de grande interesse, abrindo inúmeras perspectivas de análise. Como observado por Blokland e Nast (2014, p. 1156), ao analisarem o entorno social, existe um esforço descomedido na análise de laços mensuráveis. No entanto, “a produção suave do espaço social que ocorre à medida que nos esfregamos sem construir laços (...) poderia revelar práticas racistas, sexistas e etnofóbicas”. Nesse caso, segundo eles, seria importante, a formulação de “modelos de socialização e capital social voltado enfocando os desfavorecidos”.

Da mesma maneira, concomitantemente, como observado por Blokland *et al.* (2022, p. 265) a “mobilidade e a digitalização podem produzir novas rotas de rede, que agora podemos capturar”. A este respeito sugerem a necessidade de repensar a teoria de redes no papel dos laços sociais, considerando contextos mais contemporâneos e de integração.

Para cumprir seu propósito, o artigo recorre, primeiramente, à literatura sobre laços sociais, com destaque para a incorporação da temática sobre laços invisíveis; explorando, em seguida, à literatura que discute a questão de gênero como construção social e seus impactos nas escolhas profissionais; concluindo com a proposição de um modelo analítico para estudo de indivíduos que transgridem fronteiras profissionais tradicionalmente reservadas a certos gênero (feminino ou masculino), inclusive no campo da gestão e das organizações.

I- Laços sociais, laços invisíveis

A abordagem das redes vem sendo utilizada para explicar vários processos e fenômenos da vida social (Bovo, 2015). Como fenômeno observável, as redes sociais podem ser compreendidas como “um conjunto organizado de pessoas que consiste em dois tipos de elementos: seres humanos e as conexões entre eles” (Christakis & Fowler, 2010). Neste campo, Souza e Cerqueira-Santos (2011) destacam dois aspectos que devem ser considerados: primeiro, se existem conexões entre os indivíduos, pressupõe-se que uma rede se caracteriza por um conjunto específico de laços entre aqueles que a compõem e; segundo, que há contágio nesta rede, correspondendo ao que flui ao longo desses laços, disseminando assim inúmeros efeitos entre as pessoas.

Nesse contexto, a teoria dos laços fracos (Granovetter, 1973, 1983), ampliada por proposições sobre *embeddedness* (Granovetter, 1985), introduz elementos de compreensão para o papel e impacto das interações e das formas de inserção social das ações econômicas e a influência destas nos resultados econômicos (Bovo, 2015; Wilkinson, 2002). No entanto, Swedberg (2004) critica a atenção intensa dos sociólogos para as relações sociais, relegando os demais ‘interesses na vida econômica’, tais como a análise o papel dos objetos físicos, inclusive o corpo do ator. Segundo ele, o próprio corpo interage, e “(...) tem que ser alimentado, abrigado, e cuidado em muitos sentidos.” (Swedberg, 2004, p.26), e também investigado.

Na teoria dos laços, Granovetter (1973, 1983) argumenta que os laços fracos são relações dotadas de pouca interação e são ocasionais, e os laços fortes, baseados em altas doses emocionais, confiança e reciprocidade, construídos mediante constantes e duradouras interações. Granovetter (1973) defende os laços fracos por suas grandes capacidades em gerar e transitar recursos e inovação, para diferentes partes do sistema social, o que gera vantagens para os atores (Correa & Vale, 2017; Granovetter, 2008), embora limitar indivíduos com poucos destes laços. A este respeito, Yin, Wu e Tsai (2012) destacam a importância dos laços fracos para a diversificação das conexões da rede, pontes para a criação de laços fortes. Já os laços fortes caracterizam-se por fornecer acesso facilitado a recursos tutelados por solidariedade, emoção, confiança e reciprocidade (Granovetter, 1973, 1983). No entanto, ao mesmo tempo, possuem o poder de tornar informações e recursos redundantes ou limitados, além de serem incapazes de sustentar benefícios em diversas áreas para os atores envolvidos na rede (Correa & Vale, 2017; Correa, Vale & Pinto, 2018; Granovetter, 2005, 2008). Os laços ausentes, embora reconhecidos por Granovetter (1973) como fontes de laços fracos/fortes, são considerados desprezíveis por sua pouca representatividade no cotidiano social.

As reflexões de Granovetter, no entanto, direcionam a duas percepções interessantes: que por um lado, o esforço frequente da literatura na análise dos laços fracos/fortes, ênfase das relações interpessoais, sendo seus conceitos e usos já consolidados em estudos sobre as redes de interações sociais e, por outro lado, na atenção intensa dos sociólogos para as relações sociais formais e explícitas, que oblitera o fato que a vida social também é constituída de relações sociais de natureza impessoal. Como alternativa a isso, Felder (2020), propõe a associação entre os laços invisíveis, laços fracos e laços fortes. Nesse caso, a proposição sobre “laços invisíveis” emergiria como acréscimo conceitual para estudo das relações no interior de bairros e comunidades urbanas específicas, com o argumento da possibilidade destes tipos de laços sociais fornecerem compreensão sobre proteção e diversidade de estruturas de redes sociais locais, fontes primeiras dos laços fracos.

Nesta nova visão, Felder (2020) afirma que os “laços invisíveis são relações com estranhos conhecidos” (Felder, 2020, p. 9). São estruturas formadas por aquelas pessoas cuja interação é indireta, em determinado espaço social, cuja frequência do contato informal direciona a constituir algum um tipo de relação duradoura, porém de natureza impessoal. São vínculos não determinados pelos indivíduos e tecnicamente ainda não ativados pela interação

social (Haythornthwaite, 2002). Porém, dependentes desta mesma estrutura de interação e de organização social. O ator sabe onde o outro mora, e é capaz de reconhecê-lo visualmente no cotidiano, porém, não possui a necessidade ou a intenção primeira em manter relação de contato explícito.

Blokand e Nast (2014) observaram que a frequência de encontros casuais, não personalizados, entre moradores de um bairro em Berlim/Alemanha, foi capaz de formar redes comunitárias diversificadas, e a fornecer recursos, como o senso de pertencimento, de segurança e de confiança, além de uma relação positiva com pessoas desconhecidas em grupos locais. Para eles, a “familiaridade com o público não está significativamente relacionada com a probabilidade de as pessoas esperarem outras para ajudá-los”; ou seja, a presença da reciprocidade (Blokand & Nast, 2014, p. 11). Isto seria possível, segundo Blokland *et al.* (2022) pelo contexto espacial. Ou seja, estar no mesmo momento e local, com habitualidade, favorece a integração entre diversos personagens, e impacta no fluxo de oportunidades, bastando acessá-los, quando necessários.

Esta reflexão, sob a ótica de Felder (2020), reconhece que o compartilhamento do espaço social leva estranhos a se conectarem com o ‘contexto determinado’, e aceitar e reconhecer o outro neste mesmo ambiente representaria compartilhar valores com o grupo ou seu entorno. Isso representaria certo grau de acessibilidade e reciprocidade, lastreados pela noção de pertencimento comum na mesma comunidade, independentemente das necessidades de trocas individuais, prevalecendo, portanto, as relações impessoais. Mazlish (2000), ao analisar a historicidade dos laços humanos que unem a sociedade, apontou que as relações impessoais possuem o potencial de distribuir identidades socioculturais, posição e poder de forma mais acessível, ordenando todo o sistema social. Segundo ela, as interações impessoais, em forma de laços, ajudariam a conectar os indivíduos na sociedade.

Mazlish (2000) constatou que as relações impessoais foram relevantes para influenciar candidatos na escolha de certa instituição de ensino, em detrimento de outras, a partir da percepção daqueles que estavam vinculados à estrutura da instituição, que frequentemente relatavam melhor posicionamento profissional e prestígio no mercado. Ou seja, manter contato com a estrutura tornou-se mais importante do que o currículo, criando uma identidade comum entre a comunidade acadêmica e alunos interessados em ingressar na instituição. Em outro caso, Carpenter e Westphal (2001) observaram que laços externos foram capazes de influenciar gestores sobre em suas decisões nas estratégias empresariais, mesmo sem existir a interação formal e explícita entre eles, pois o contato social com a estrutura, por onde circulavam esses laços, proporcionou acesso indireto às informações e experiências, resultando no desenvolvimento de estruturas de conhecimento, sobretudo para a tomada de decisão. Estes achados conferem com a ênfase dada Felder (2020).

A análise dos laços invisíveis a partir da visão de Felder (2020), que também as concebe como estruturas de apoio, informação e inclusão social, sugere nova direção para a possibilidade de verificar a integração com diversas outras estruturas de preferência do personagem, formando uma visão ampliada do entorno social, heterogênea, inclusive na dimensão trabalho e profissão, constituída também por relações de natureza impessoal.

Isto é importante pois os laços, se estratégicos, direcionam o personagem a transitar em diferentes tipos de redes com características diferentes (Wilkinson, 2002), o que requer dos indivíduos o correto balanceamento destes laços (Tálamo & Carvalho, 2010), pois definirão fatores de sucesso ou insucesso em determinado sistema social. A força do vínculo, nesta abordagem, não é a indicação dos laços mais ou menos benéficos, mas como os personagens são capazes de combiná-los e buscar identificação social, de modo a fornecer o capital social necessário para transitar entre indivíduos, comunidades e a sociedade, e obter recursos de modo pleno e eficiente (Rademacher & Wang, 2014).

Ao que tudo indica, a inserção social do personagem ao contexto ampliado supõe existir a capacidade individual de se identificar ao contexto determinado, e a cumprir o conjunto de sanções pré-definidas pelos personagens daquele contexto, assim como as estratégias necessárias para se obter destaque e vantagem no mesmo contexto.

A este respeito, a problemática da identificação social inerente a grupos e comunidades humanas, que encontra eco no conceito de *embeddedness* cultural (Zukin & Dimaggio, 1990), derivado do conceito de *embeddedness* estrutural como originalmente concebido por Granovetter (1985) a partir da temática dos laços sociais, sugere ser uma abordagem a ser analisada e incorporada.

Para Granovetter (1985), as ações do indivíduo, inclusive as econômicas, estão imersas (*embedded*) em uma rede de relacionamentos sociais, influenciando em seus resultados. Embora a imersão social seja aplicável em toda ação humana, o autor enfatiza sua utilização na ação econômica. Esta reflexão sugere o enfraquecimento dos limites dos processos sociais, juntando fatores econômicos e não econômicos. E o termo tem sido amplamente utilizado na área de Administração e de Estudos Organizacionais, dando sentido à “influência que a ação social tem na economia por meio das redes sociais em que as pessoas são inseridas.” (Machado & Nascimento, 2012, p. 8).

A ênfase na abordagem do *embeddedness* estrutural está no papel das redes sociais, apontando que para indivíduos imersos e melhor posicionados, melhores vantagens da estrutura (Goldberg *et al.*, 2016; Granovetter, 1985; Raud-Mattedi, 2005), pressupondo ser necessário laços fortes com reciprocidade e confiança. Todavia, a abordagem do *embeddedness* cultural (Zukin & Dimaggio, 1990) sugere “referência à influência dos valores e das crenças coletivas sobre os objetivos” (Raud-Mattedi, 2005, p. 64) que, de acordo com Zukin e Dimaggio (1990, p. 113) estabelecem relações de confiança e compreensão dos sinais e normas culturais, resultando em padrões de relações sociais que “conduzem e canalizam a aquisição e expressão da cultura”. E isto pela identificação do personagem ao seu entorno ou grupo social.

Goldberg *et al.* (2016) ao analisarem a imersão (*embeddedness*) cultural e estrutural na tentativa de validar a realização dos indivíduos em contextos, demonstraram que a posição do ator imerso na rede – *embeddedness* estrutural – favorece o acesso direto/indireto aos benefícios que circulam na estrutura, ao passo que o seu ajuste ao grupo – *embeddedness* cultural – por meio de uma identidade, afetou a percepção dos outros. A conclusão dos autores é que a realização dos indivíduos, sobretudo no campo profissional, poderia estar associada à capacidade de combinação em ambas as estruturas. A restrição em determinada estrutura impede a realização, enquanto o ajuste à estrutura por meio da identificação favorece.

Nesta via, Maciel, Taffarel e Camargo (2014) constataram na análise do *embeddedness* estrutural *versus* o *embeddedness* espacial que os resultados são favoráveis quando os atores sociais possuem a capacidade estratégica de combiná-los. E isso impactaria em toda a estratégia dos indivíduos com suas interações com o entorno social e, eventualmente, também na perspectiva dos laços invisíveis (Felder, 2020), uma das vertentes que se enquadra este estudo, sobretudo se ampliado em dimensões de grupos distintos em suas configurações sociais, como identidade de gênero, sexualidade, orientação sexual, entre outras, em suas escolhas, inclusive nas decisões profissionais.

II- Aspectos culturais na diversidade de gênero e identidades nas escolhas profissionais

As temáticas sobre gênero e sexualidade, dimensões da diversidade, fascinam e provocam curiosidade, e se tornaram comuns na contemporaneidade (Louro, 1995, 2011). Porém, as diversas perspectivas teóricas destas temáticas não são uniformes e os seus conceitos “objeto de intenso questionamento, debate e disputa” (Tílio, 2014, p. 126). Como já antecipado, a

preocupação do presente artigo volta-se particularmente para abordagens de gênero/sexualidade como construção social e seus impactos no mundo profissional.

A este respeito, compreender aspectos culturais atribuídos a estes temas, eventualmente, proporcionaria melhor entendimento destas dimensões no campo das escolhas profissionais e, como consequência, na diversidade nas organizações, ênfase em discussão, especialmente, nas duas últimas décadas do século XX.

O termo gênero origina-se da tentativa em combater o determinismo biológico na relação entre os sexos (Costa & Santos, 2018; Louro, 1995) e está atrelado aos discursos e pensamentos de cada época e, “(...) – de qualquer forma que o sexo seja compreendido – já contém em si uma reivindicação de gênero” (Laqueur, 2001, p. 23).

Historicamente, a visão reducionista do sexo único, herdada dos gregos antigos (Laqueur, 2001), cedeu lugar à percepção dos papéis dos gêneros transmitida por gerações por meio do discurso biológico, sob dois enfoques. No primeiro atribui-se ao homem – o macho – dentro da psicologia evolutiva (Wright, 1999), a maior capacidade – por sua força muscular – de organização grupal e, por consequência, maior predisposição para cuidar da prole. Pensamento compreendido tanto no darwinismo social para a perpetuação da espécie (Parisotto, 2003), quanto no discurso moralizante, de cunho religioso, para assegurar e estruturar papéis sociais e sexuais (Corbin, 1987) para a formação da família a partir do casamento. Já no segundo enfoque, a ênfase que atribui à mulher – fêmea – cuja natureza física é a da menor força, o discurso do dever da gestação, do cuidado da prole e do parceiro, mães por excelência (Badinter, 1993), são prevaletentes.

Estes dois enfoques carregam, por um lado, o paradigma dos dois sexos, que desde o renascimento dá ênfase nas diversas desigualdades ainda relevantes na contemporaneidade, e “delegam aos aspectos biológicos inatos a primazia pelas definições das características psicológicas e subjetivas dos indivíduos” (Tílio, 2014, p. 128), em que os contextos culturais definem e reforçam os “rígidos papéis de gênero e de vivência da sexualidade” (Tílio, 2014, p. 128). Por outro lado, e complementar, mostra-se “extremamente fértil para compreender e problematizar processos de produção de diferentes desigualdades sociais” (Meyer, 2004, p. 16), sobretudo em relação ao gênero/sexualidade.

As desigualdades são posições normativas e disciplinadoras, produtos de um consenso social e não de um conflito, “expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tipicamente toma forma de uma oposição binária que afirma de forma categórica e sem equívoco o sentido masculino e feminino” (Scott, 1989, p. 21), impondo que “todo mundo é, ou deveria ser heterossexual” (Louro 2011). Contém os limites construídos socialmente e que definem tanto as mulheres como submissas, femininas e passíveis de controle, quanto aos homens em relação à sua virilidade, não havendo capacidade em um ou no outro para troca de papéis “por que é apenas um lado, não uma totalidade, e porque não coloca em risco sua heterossexualidade” (Torrão Filho, 2005, p. 139). Desprezam, no entanto, que os “sujeitos se identificam, social e historicamente, como masculinos e femininos e assim constroem suas identidades de gênero (...) heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles podem ser negros, brancos, ou índios, ricos e pobres etc.” (Louro, 2005, p. 8) do mesmo modo que em suas relações sociais há impactos dos discursos, dos símbolos, das representações e das práticas que moldam formas de ser e estar, arranjados e desarranjados, no mundo. Mas como estas questões aprisionam homens e mulheres em limites determinados?

Desde a infância que os indivíduos aprendem determinadas e diferentes formas de comportamentos, sobre o modo de vida em sociedade (Lima, Voig, Feijó, Camargo & Cardoso, 2017), processo pelo qual se transmite cultura, ligando diversas gerações (Giddens, 2001), inclusive sobre gênero e sexualidade. Louro (2011) destaca, neste sentido, o universo das meninas que tende a ser regido por relações afetivas – beijos, abraços, amizades e companheirismo – práticas associadas mais ao cuidado, ao passo de uma especialíssima atenção

que vigia os meninos na construção de sua identidade sexual heterossexual. Lógica dos discursos e práticas que implicam na negação expressa e intensa de práticas femininas, que culturalmente ameaça a norma sancionada da identidade viril masculina, com o medo e a aversão à homossexualidade.

Entretanto, verifica-se que homens e mulheres são sujeitos que se identificam social e historicamente (Louro, 1995, 2011) e por meio de suas identidades e práticas moldam suas representações, e o modo como de estarem no mundo, de diversas formas e em várias dimensões, mesmo sob os discursos moralizantes que afirmam as posições sociais convencionais para homens e mulheres (Louro, 2011; Scott, 1989). Segundo Giddens (2012, p. 82) isto se dá por meio das interações sociais, que descreve ser o “processo pelo qual agimos e reagimos em relação àqueles que estão ao nosso redor”, e como as rotinas dos sujeitos contêm interações estruturantes, conduzem suas ações, e possibilita-os fazer uso da criatividade – por sua liberdade de escolha – e moldar a realidade.

O ambiente destes contextos sugere um processo de construção social que exige de homens e mulheres identidades específicas, com distinção entre vida pessoal/privada e outras dimensões da vida, ao mesmo tempo que também exige satisfazer a um outro conjunto de interações cotidianas, guiadas por sanções positivas ou negativas que “socialmente (...) recompensam ou restringem” (Giddens, 2012, p. 105) certos comportamentos e as escolhas a estes relacionados, elementos da vida pública.

Neste sentido, embora as diferentes abordagens sobre identidades contidas na literatura, e que buscam definir o sujeito, observa-se ser consensual que as identidades correspondem à compreensão que o sujeito possui sobre si e sobre quem são os outros e, reciprocamente, no entendimento dos outros, sobre quem são e quem é o sujeito (Chies, 2010). Esta visão constitui dois caminhos tanto problemáticos quanto inseparáveis, encontrada na concepção de Dubar (1997) acerca das identidades. De um lado as identidades são construções sociais que contêm alto grau de subjetividade e, por outro lado, o sujeito nunca pode afirmar que a ideia que tem sobre si corresponde à mesma ideia que o outro também tem. Para Chies (2010, p. 519), isso ocorre pela constante necessidade de o sujeito consultar e reafirmar sua posição em relação aos outros, cujas aprovações – ou reprovações – cercam e delimitam configurações de sua existência, interligando a subjetividade do sujeito e o seu entorno social.

As afirmações acerca da compreensão da identidade, e em como ela pode moldar o sujeito, demonstra que a identidade será constantemente moldada e (re)construída, sendo dinâmica. Este movimento constitui-se das metamorfoses citadas por Ciampa (1999), pois contém as historicidades do sujeito sobre sua existência, ao mesmo tempo que engloba os padrões de identidades definidos pelo seu conjunto de interações sociais, inclusive sobre as determinadas e diferentes formas de comportamentos aprendidas pelos indivíduos ao longo da vida sobre os papéis sociais de homens/mulheres.

Isto quer dizer que diversas tensões são criadas e podem – ou poderiam – influenciar de modo positivo – ou negativo – as diversas estratégias que homens e mulheres passariam a adotar – e usam – para criar processos identitários e lidar com o pertencimento ou preconceito em diversos contextos. Inclusive naqueles fora dos padrões sociais prevalecentes. Então, como as interações sociais poderiam impactar em escolhas e estratégias individuais e nas escolhas profissionais?

As análises de Carter (2014) e Laniado, Volkovich, Kappler & Kaltenbunner, (2016), sugerem existir estruturas sociais distintas relacionadas aos gêneros e à sexualidade, resultado das influências no modo como de se interagir, formas pré-definidas aos gêneros, com impactos nas estratégias adotadas. No caso da mulher, a pressão social, ao longo da vida, tende a inibir a interação com pessoas fora do entorno social ou do sexo oposto. Segundo Laniado *et al.* (2016) isso resulta na vida adulta à tendência de as mulheres constituírem relações homófilas.

As homofílias das redes femininas (Laniado *et al.*, 2016) são caracterizadas pela interação a grupos de composição prevalecente de mulheres e que geralmente possuem preferências similares no campo de atuação profissional. Isto, de certo modo, direcionaria a uma menor quantidade de contatos que possuem *status* favoráveis (McDonald, 2011; Petterson, Damaske & Sheroff, 2017), contexto que inibe o acesso ou direciona aos recursos escassos (Petterson *et al.*, 2017) por sua menor proporção de agentes para interação, característica da imersão e coesão dos laços sociais aí constituídos. A este respeito, em face de as mulheres serem excluídas de certas redes sociais – e que resulta em preferências diferentes – as posições estruturais que ocupam também implicariam em oportunidades diferentes (Campbell, 1988; Renzulli, Aldrich & Moody, 2000), inclusive no trabalho e carreira.

No que tange ao homem, Zölitz e Feld (2020) apontam que o ambiente cultural tende a aprovar melhor suas interações sociais, e isto resultaria em diferenças na diversidade de suas redes (Blommaert, Meuleman, Leenheer & Butkēviča, 2020; Renzulli *et al.*, 2000). E como o homem tende a conhecer mais pessoas (Campbell, 1988) é direcionado a constituir redes com diferentes graus de intensidade (Moore, 1990) com inúmeros tipos de laços ao seu dispor. Como resultado, seu posicionamento dentro das estruturas sociais o favorece com maior condição de aproveitar as oportunidades de *status* ocupacional, melhores salários, grande possibilidade de progressão na carreira, além de acesso à autoridade no campo de atuação (Lin, 1999) distintamente das estruturas e redes femininas.

Todavia, Gillespie, Frederick, Harari e Grov (2015) apontam que os tipos de relações variam de acordo com a orientação sexual, indicando que para o contexto de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, queers, intersexuais, assexuais, e demais categorias identitárias não normativas (ou LGBTQIA+), independentemente do gênero – o sexual – há a tendência de relações heterófilas, impactando, no modo como de os personagens constituírem suas redes de interações. Esta tendência poderia ser consequência do modo como de se posicionarem em suas relações sociais e consigo mesmas sobre as suas sexualidades, distintas da heterossexualidade (Hudson-Sharp & Metcal, 2016; Madureira & Branco, 2007), estratégia que possibilita proteção e diversidade das relações sociais.

Esta observação, no campo profissional, sugere favorecer mais ao homem viver suas feminilidades em diversos campos de atuação do que a apropriação das mulheres sobre profissões mais masculinizadas, constatação de Saavedra (2009) sobre como o processo de socialização resulta na assimetria de gêneros nas escolhas profissionais. Mesmo assim, relacionar redes e o contexto gênero/sexualidade, na abordagem LGBTQIA+, ainda requer a atenção, sugestão de Hudson-Sharp e Metcal (2016) destacando que, embora a tendência da constituição de redes de característica heterófila pelos personagens deste contexto, a prática sugere que o fornecimento de cuidado, proteção e apoio são encontrados nos grupos com os quais se identificam, característica da assimetria das identidades nas estruturas homófilas.

Como consequência das interações sociais, no campo trabalho, Saavedra (2009, p. 121) destaca que as escolhas profissionais das mulheres tornam-se orientadas “predominantemente para as áreas associadas às Letras ou onde a dimensão do ‘cuidar’ de outros seja determinante, como é o caso da Psicologia, Ciências da Enfermagem, Medicina ou Serviço Social”, em detrimento dos homens que possuem as escolhas melhor associadas às áreas como as das Ciências, Engenharias e Tecnologia ou cargos diretivos nas organizações. Mozahem, Kozbar, Al Hassan e A. Mozahem (2018) complementam que tais distinções de escolhas direcionariam em diferenças profissionais de gênero, reforçadas no processo de socialização sexual na qual meninas e meninos experienciam ao longo da vida.

O *bem-estar* social da escolha profissional torna-se dependente do alinhamento de papéis, ou seja, o campo “da Administração, como profissão de homem, e as que sugerem a necessidade de comportamentos tidos socialmente como femininos, como, por exemplo, a Pedagogia a uma profissão para mulheres” (Praça & Souza-Leite, 2017, p. 50). Os autores constataram existir

uma relação rígida na cultura que determina a profissão para os sexos, que embora os progressos dos últimos anos, mantem “em funcionamento uma engrenagem patriarcal de posições sociais”, direcionando as escolhas profissionais ao que o corpo social determina ser do masculino ou do feminino. Eles observaram a postura de comando no campo da Administração de Empresas, prescrita pela sociedade inerentemente ao sexo masculino, não cabendo aí atributos ligados ao gênero feminino e as suas identidades usuais, que antecedem o processo de formação universitária. Isso reforça, mesmo na Contemporaneidade, o discurso da perspectiva biológica – dos dois sexos – que estabelece, conforme Meyer (2004), a díade do *sujeito-mãe* – referindo-se ao papel por excelência da mulher em procriar – e para o homem o dever com a prole contido nas abordagens apontadas por Corbin (1987), Parisotto (2003) e Wirgth (1996), acima.

Ao mesmo tempo, também contraria os discursos do feminismo que reivindicavam neutralidade do discurso binário/biológico nas profissões, por meio do julgamento da irrelevância entre as identidades sociais de homens e mulheres frente às suas competências profissionais (Scott, 1989). O que se prescreve aqui está enraizado em todo o entorno social dos sujeitos, e por meio da cultura, identidades e representações, influencia, encoraja ou desencoraja uma escolha profissional em detrimento de outras.

É esta segregação de papéis, sejam nos contextos previamente determinados e patronizados pela cultura (Ciampa, 1999), no processo de socialização dos sujeitos (Dubar, 1997), nas invenções dos esforços individuais dentro das comunidades (Bauman, 2005), ou mesmo nas paisagens culturais que influenciam na visão do sujeito sobre si (Hall, 2006), entre outros, que vão formando identidades e suas diversas representações no mundo social, impactando nas escolhas, até delimitar o campo profissional. Porém, isto, só é prevalecente até o momento que o indivíduo se torna capaz de adotar outras estratégias e a moldar a sua própria realidade, e estar em sintonia com o grupo no qual se identifica ou prefere estar inserido.

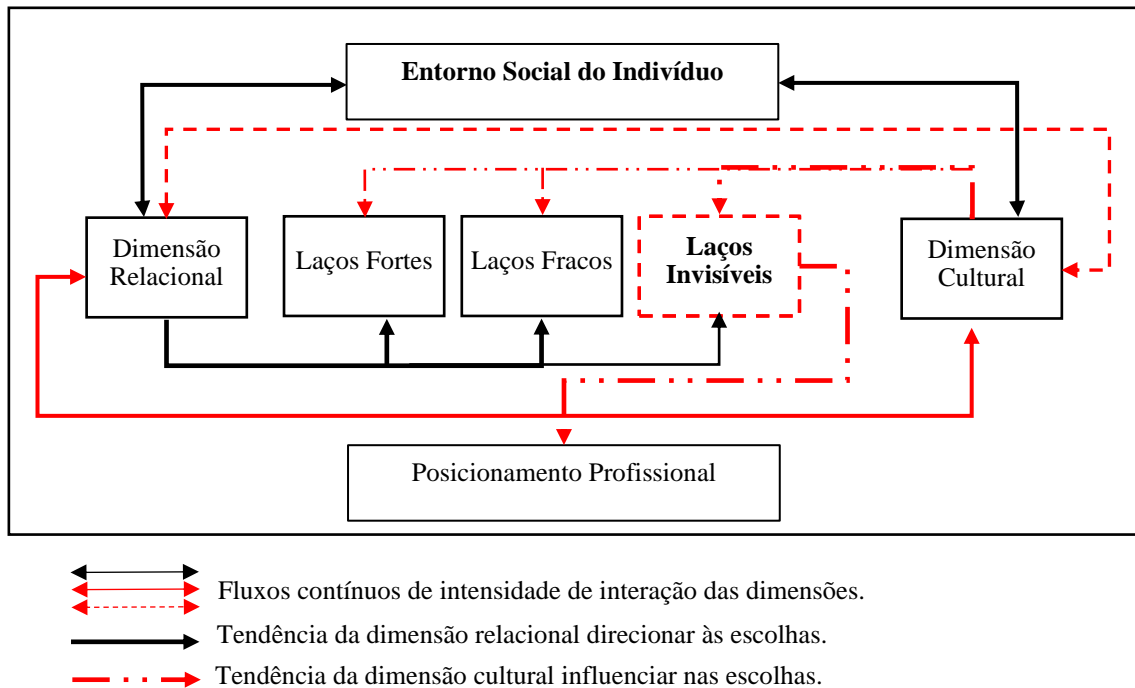
Como visto, a “multiplicidade de mudanças relativas à sexualidade e ao gênero” (Madureira & Branco, 2007, p. 83) são guias para que os sujeitos busquem aproximação em comunidades às quais possam vivenciar o pertencimento, afirmação ou a construção e sobreposição de identidades, inclusive no campo profissional. No campo profissional, estas transformações podem ser observadas nos indicativos de que a escolha de uma profissão em detrimento de outras “pode ser influenciada por fatores étnicos, sociais, econômicos, familiares, pessoais e de gênero” (Lima *et al.*, 2017, p. 34), especialmente nas últimas décadas do século XX.

Ao destacar que “a identidade nunca é dada” Ciampa (1999) afirma que as diversas posições que o mesmo sujeito ocupa – ou quer ocupar – na sociedade são dependentes do que esta mesma sociedade prescreve sobre determinadas condutas requeridas, subjugando o sujeito às reproduções sociais. Essa assertiva pressupõe, de certo modo e contraditoriamente, ser a identidade algo dado e delimitado, que direciona o sujeito a representar e a assumir diversos personagens que desempenham certos – e também diversos – papéis sociais (Chies, 2010), perturbando o conceito sobre si na qualidade de sujeito imerso em um conjunto de interações sociais, formais e informais. Observa-se até aqui haver sinergia nas temáticas que abordam, por um lado, gênero e sexualidade, identidades. E, por outro, com a temática dos laços sociais, estabelecendo liamos de identidade entre indivíduos capazes de se reconhecer como membros de uma mesma comunidade, ainda que nunca tenham se comunicado entre si.

III- Proposta de Modelo Teórico para pesquisa empírica

A figura 1 abaixo apresenta o modelo analítico de interesse, resultante da convergência e ampliação da literatura sobre laços sociais e aspectos culturais de gênero e identidades no mundo das profissões, onde a temática dos laços invisíveis é de essencial importância.

Figura 1 – Modelo analítico proposto



Fonte: Elaborado pelos autores

O entorno social de interesse do modelo incorpora duas vertentes básicas. De um lado, a dimensão relacional, caracterizada pelos laços, segundo o contínuo proposto por Felder (2020), ou seja, laços fortes, laços fracos, laços invisíveis. De outro, a dimensão cultural, aqui analisada exclusivamente na perspectiva da temática de gênero como construção social e seu impacto no mundo profissional. A análise destas vertentes sugere que há influência e condicionamento simultâneos das iniciativas individuais e resultados obtidos ao longo da vida, inclusive no contexto profissional. Nesta via, enquanto a natureza dos laços (laços fracos ou fortes) amplia ou limita as possibilidades individuais no mundo do trabalho, ao passo que a identidade de gênero, definida ao longo de processo de socialização do indivíduo, tende a direcioná-lo ou afastá-lo de certas profissões.

Entretanto, compreender esses temas somente a partir da teoria dos laços atualmente prevalente – fraco/forte – relegaria outras dimensões da vida social, sobretudo das relações impessoais. A este respeito, a busca de identidade social de indivíduos pertencentes a grupos minoritários, ou estereotipados, sugere demandar outros mecanismos como estratégias individuais, em contraparte ao contexto tradicional. Isso leva a introdução de um outro tipo de laço de natureza impessoal, denominado laço invisível.

Indivíduos que porventura rompem barreiras convencionais de gênero (feminino *versus* masculino) e/ou de profissão (profissão dominadas por estereótipos femininos *versus* masculinos), provavelmente, recorrem ao apoio dos laços invisíveis, inevitavelmente baseados no compartilhamento de algum tipo de identidade, em busca do sentido de pertencimento, estratégia a não se sentirem isolados ou desamparados na vida social. Nesse contexto, os laços invisíveis, descritos como um tipo diferenciado de laços de natureza impessoal entre os atores,

e resultantes de identidades que o ator constrói para si próprio dentro de uma comunidade, passam a ser de particular importância no posicionamento do indivíduo na vida profissional.

A dimensão relacional: um contínuo entre o anonimado e a intimidade

Na figura 1, o entorno social é representado pelo conjunto estruturas ou relações, aproximando os seres humanos e as conexões entre eles, que ao longo do tempo resulta em contágio social. Nesta dimensão, tradicionalmente, os fluxos contínuos de interação social entre os atores na estrutura, amplamente abordados na literatura de redes sob o ponto de vista dos laços fracos/fortes (Granovetter, 1973, 1985) e *embeddedness* (Granovetter, 1985), são incorporados com o conceito dos laços invisíveis propostos a partir de Felder (2020). Porém, ampliados para outras dimensões do cotidiano social. Esta aproximação se dá, do ponto de vista prático-teórico, pela necessidade de se estabelecer uma nova visão sobre a teoria dos laços que despreza, de um lado, que os atores sociais interagem de modo não intencional com o entorno social e, por outro lado e como consequência, que condiciona os laços sociais somente para as relações interpessoais, portanto explícitas. A partir daí, o que se propõe com esta dimensão, no modelo expresso na figura 1, é estabelecer a percepção do contínuo entre o anonimado das relações impessoais e a intimidade das relações interpessoais, indo além do contexto espacial – geográfico – contido na abordagem de Felder (2020), abrangendo também outras dimensões apropriadas pelos personagens na contemporaneidade, como a cultural, que contém dimensões como gênero/sexualidade.

No campo profissional, por exemplo, estudos que discorrem sobre profissão, carreira e laços, afirmam que personagens do gênero masculino possuem ao seu dispor melhores contatos – laços fortes – e possuem vantagens, em relação aos seus pares do gênero feminino, na promoção vertical no mercado de trabalho e no desenvolvimento da carreira. Dito isto, a linha contínua no modelo da figura 1, e que conecta os laços, pressupõe existir sinergia no contínuo entre os laços invisíveis e os laços fracos/fortes, com a tendência em influenciar contextos, positiva ou negativamente, como uma estrutura de apoio. Neste sentido, a força dos laços invisíveis, poderia, eventualmente, estar na capacidade de apoiar e a ampliar efeitos para determinados personagens, nos seus contextos espaciais, e até nas preferências profissionais e desenvolvimento da carreira. A reputação/autoridade do personagem poderia ser ampliado para outros grupos profissionais, de preferência de gênero, de sexualidade, ou mesmo em redes sociais virtuais, criando conexões a outros completos desconhecidos, e isso mesmo sem qualquer intenção da relação de natureza interpessoal poderia favorecer o uso e percepção de vantagens, apoio para fortalecer preferências ou estratégias individuais. De igual modo, os laços fracos.

Os laços fracos, que possuem como característica a capacidade de transitar oportunidades e inovação (Correa & Vale, 2017; Granovetter, 2008), e que também são estruturas de interação interpessoal, eventualmente, poderiam ser apoiados por estruturas de natureza impessoal, potencializando recursos, entre eles oportunidades de trabalho e de inovação, com outros grupos/personagens, entre outros, através da interação informal, por onde também circulam inúmeros outros recursos e oportunidades, além de outras relações impessoais, ou informais.

Nas configurações sociais, por exemplo, Saavedra (2009) verificou que mulheres com maior frequência estão escolhendo profissões socialmente masculinas, mesmo que isso implique em sanções sociais. Do mesmo modo, homens escolhendo profissões atribuídas ao sexo feminino, ou que coloque em xeque sua heterossexualidade, descortinando a orientação sexual. Ao que tudo indica, as dimensões gênero/sexualidade, estão *embeddedness* e inseparáveis das interações e construções sociais dos indivíduos (Granovetter, 1985) e que os diversos personagens, destes contextos determinados, estão estruturalmente sinérgicos em seus entornos sociais, buscando tanto reconhecimento, quanto pertencimento por meio de suas

identificações (Dimaggio, 1990). Ou seja, a posição – ou reposicionamento – atual de homens e mulheres em suas configurações sociais, têm direcionado para o acesso direto/indireto de diversos recursos que circulam a estrutura relacional, abordagem encontrada no *embeddedness* estrutural (Dimaggio, 1990; Goldberg *et al.*, 2016), e confere coerência com o discurso de Swedberg (2004), sobre como o próprio corpo interage e precisa também ser investigado. Na abordagem da dimensão relacional no modelo proposto, investigar como os laços fracos/fortes podem ser apoiados por laços invisíveis, sobretudo, ampliados na temática de interesse, poderia proporcionar compreensão, não somente sobre o local espacial, mas em como os personagens podem ampliar e buscar apoio em suas estratégias a partir das interações informais, ou laços invisíveis, nas estratégias individuais e práticas profissionais, sobretudo nas escolhas, superando assim, as sanções sociais, que os condicionam a estruturas sociais diferentes, e que também requerem marcas sociais distintas.

A dimensão cultural: identidade e pressão social ajustados por laços invisíveis à conformidade no entorno social

A dimensão cultural, expressa na figura 1, visa a demonstrar, por meio das linhas tracejadas, que conectam a dimensão e laços em observação e que interliga uns aos outros em contornos emergidos de aspectos culturais.

Na literatura que enfoca gênero/sexualidade, parece ser consensual existir, de um lado, o contexto social condicionador do uso da cultura com sentido coletivo, e por outro lado, a tensão que orienta/condiciona o *bem-estar* dos personagens na identificação com a cultura do seu entorno. O entorno social, por exemplo, é culturalmente influenciado pelo binarismo dos sexos, visto como discurso que constrói a identidade do masculino e do feminino, aprisionando homens e mulheres em limites culturalmente pré-definidos (Giddens, 2012; Torrão Filho, 2005). Contudo, ao mesmo tempo, relega que os “sujeitos se identificam, social e historicamente, como masculinos e femininos e assim constroem suas identidades de gênero (...) heterossexuais, homossexuais, bissexuais (e, ao mesmo tempo, eles podem ser negros, brancos, ou índios, ricos e pobres, etc.” (Louro, 2005, p. 9) em que a interpretação dos discursos, dos símbolos, das representações e das práticas podem ser utilizadas como formas de ser e estar no mundo moderno.

Desde o processo de socialização, as identidades são sugeridas, dadas ou construídas, porém performadas ao longo do histórico de vida. Por exemplo, a atenção dada aos meninos e meninas, que envolvem signos distintos aos gêneros sexuais. Espera-se que no ambiente social, meninos e meninas façam uso destes símbolos, preparação para a vida adulta. Isto direciona a construção da dimensão relacional envolta em cultura distintamente para homens e mulheres.

Do ponto de vista prático-teórico, cabe ao personagem ajustar suas identidades para satisfazer necessidades, adequando-as ao entorno social, na condição primeira para os laços próximos, fracos/fortes, que impõem a cultura, e ao entorno que, em segundo plano, sanciona e julga. As dimensões relacional e cultural, então, se misturam. Isso, na vida adulta, condiciona as decisões na reprodução das normas nas predileções profissionais, impactando na escolha da área de atuação e posicionamento no mercado. Isso decorre da existência de uma relação rígida na cultura que determina a profissão para os sexos, e direciona as escolhas profissionais ao que o corpo social determina como ser do masculino ou do feminino (Corbin, 1987; Meyer, 2004; Parisotto, 2003; Praça & Souza-Leire, 2017; Wirgth, 1996). De certo modo, então, levaria tanto homens e mulheres a se ajustarem ao contexto. Saavedra (2009), que analisou o reflexo do processo de socialização infantil nas escolhas profissionais na vida adulta, por exemplo, apontou que é frequente as escolhas baseadas nos ritos patriarcais – referindo-se à definição dos papéis tradicionais dos gêneros – como mecanismo estratégico utilizado por homens e mulheres para minimizar o constrangimento social. Por outro lado, a mesma autora (e outros

estudos) que enfatizam contextos determinados de estratificação social, destacam que certos atores extrapolam a barreira cultural tradicional nas escolhas profissionais e migram a satisfação profissional na perspectiva de seus interesses pessoais, moldando assim a realidade, conforme apontado no tópico anterior.

Ao se lançar luzes sobre os contextos de gênero/sexualidade na dimensão cultural, a visão dos laços invisíveis, poderia auxiliar na explicação do modo como de se desenvolver e fazer uso de estratégias pelos personagens para moldar a realidade, sobretudo no campo profissional. Nestes contextos, conforme Hudson-Sharp e Metcal (2016) e Madureira e Branco (2007), as escolhas profissionais são guiadas por estratégias individuais, pois o personagem “diferente” cria e adota estratégias para lidar com estereótipos atribuídos pelo senso comum, tanto na vida pessoal quanto na profissional. Isto mesmo considerado que o comportamento do personagem no contexto da diversidade tende a ser produto de variáveis culturais e relacionais.

Ao que tudo indica, contextos determinados de gênero/sexualidade, na perspectiva de comunidades LGBTQIA+, por exemplo, sugerem uma performance peculiar na formação dos laços sociais e em como maximizar recursos pelos atores sociais. Verifica-se, na literatura, que a socialização dos gêneros resulta em estruturas de laços distintos (Carter, 2014), o que impacta também nas relações de acordo com a orientação sexual. E o contexto LGBTQIA+, independente do gênero – sexual – tende à construção de redes diversificadas, estratégia que possibilita proteção e diversidade das relações sociais. Isto, em parte, poderia estar relacionado ao fato de que os personagens deste contexto determinado preferirem os laços invisíveis – os contidos no entorno social, em grupos e comunidades mais abrangentes e que identificam em termos de laços invisíveis e/ ou se conectam culturalmente – em detrimento dos laços fracos/fortes do cotidiano social, percepção dada por Hudson-Sharp e Metcal (2016) que, também identificaram, ao analisarem personagens em contexto LGBTQIA+ em comunidades europeias, ser comum, no campo profissional, atores que optam por manter identidades invisíveis no local de trabalho ao passo que preferem buscar socialização em ambientes com diversidade de gêneros e orientação sexual, característica de estruturas homófilas. São estratégias para lidar com o preconceito, sobretudo sobre violência física, insucesso no mercado de trabalho, pressões sociais e familiares.

Sobre as reflexões acima, e considerando o modelo teórico proposto na figura 1, as dimensões relacional e cultural visariam atender as demandas do senso comum. No entanto, os atores sociais, e em contextos determinados de gênero/sexualidade, com ênfase, por exemplo em comunidades ou grupos de minorias sociais, conseguiriam mobilidade. Por um lado, constituem suas identidades culturais para o outro, genéricas e objetivas, possibilidade encontrada na concepção de identidades em Dubar (1997). Por outro lado, assumem tantas quantas identidades possíveis, adaptando-se ao entorno, pois ao se identificarem com as comunidades nas quais participa, mesmo que não haja a interação pessoal, identifica-as como estruturas sociais estáveis, presentes em comunidades mantidas por liames de laços invisíveis e que não requerem justificativas do seu modo como de lidar com gênero, sexualidade e orientação sexual. Suas identidades fluem líquidas, concepção oferecida por Bauman (2005) para definir quem é o sujeito. Esta visão extrapolaria a concepção tradicional pois possibilita ao personagem moldar o mundo em mudança por sua identificação, na qual estabelece o poder e opção de escolhas, não as do ambiente. Sentido este demonstrado na figura 1 para o posicionamento profissional.

A perspectiva dos laços invisíveis, incorporada à estrutura, a partir de Felder (2020), seria alternativa de análise a fim de possibilitar constatar esse contexto, sobretudo em um ambiente mais integrado e globalizado, conforme apontaram Ortega e Hergovich (2018), referindo-se às dinâmicas contemporânea que requerem reescrever os laços sociais.

O papel dos laços invisíveis como intermediador das dimensões do entorno social no ajustamento individual

Na figura 1, as dimensões relacional e cultural, à luz da literatura, demonstram-se inseparáveis de configurações sociais e se complementam. De um lado, a dimensão relacional dá ênfase às interações por meios dos laços, cuja ênfase convencional do entorno social dá foco nos laços interpessoais, fracos/fortes e, de outro lado, a dimensão cultural, responsável por dar sentido aos laços por meio de atributos do senso comum, entre eles aspectos culturais que possibilitam a identificação do personagem com o seu entorno. No entanto, todo o entorno social está envolto em um conjunto amplo de interações, que no modelo proposto, contém os laços invisíveis, dando sentido ao contexto social, que sugere regular a vida em sociedade.

No modelo teórico proposto, e demonstrado na figura 1, esses laços foram resgatados a partir das reflexões de Felder (2020). Incorporados ao modelo, os laços invisíveis têm o potencial de distribuir identidades socioculturais, posição e poder de forma mais acessível (Mazlish, 2000), a partir do enfoque dado nas dimensões relacional e cultural.

Laços invisíveis mostram-se capazes de conectar um personagem com outros desconhecidos na vida social (Mazlish (2000), ainda que, muitas vezes, eventualmente inacessíveis. Tornam-se estratégicos, mesmo se não houver interação entre as pessoas, pois o acesso indireto favorece o desenvolvimento de estruturas, sobretudo para contextos de gênero/sexualidade para a busca de proteção, direcionando-os na busca de grupos inclusivos (Hudson-Sharp & Metcal, 2016), ou mesmo mantendo identidades sociais/profissionais invisíveis, conforme apontam Maclean e Beathy (2005). E as homifilias sociais necessárias nas vertentes da diversidade conduzem os personagens a buscarem aproximação – ou proteção – entre os iguais (Hudson-Sharp & Metcal, 2016; Laniado *et al.*, 2016).

Os laços invisíveis, por serem acessíveis, conforme Felder (2020), poderiam, segundo modelo aqui sugerido, ser uma alternativa para compreensão da interação das redes pessoais e profissionais no campo das organizações, em contexto de gênero/sexualidade, sugerindo ainda que, por estarem dispostos em diversas estruturas acessadas por sujeitos, ou seja, em contextos determinados, também fornecem recursos, restringem e controlam comportamentos, assim como favorecem o pertencimento a determinados grupos, e em todas as demais dimensões da diversidade, e influenciando nas escolhas pessoais.

Considerações finais

O esboço do modelo teórico proposto, ao mesmo tempo em que amplia as reflexões teóricas sobre laços sociais, laços invisíveis e os associa, pelo viés do construto identidade, à temática de gênero, identidade e profissão, busca oferecer uma referência analítica para futuros estudos na área, seja ensejando aperfeiçoamento e detalhamento no próprio modelo, seja sugerindo algumas bases preliminares para o desenho de futuras pesquisas de campo sobre o papel e importância dos laços invisíveis em profissões dominadas por estereótipos de gênero.

Observa-se que na literatura de redes, as abordagens sobre os laços fracos e fortes são importantes para a compreensão de muitos dos fenômenos da vida social. No entanto, para o contexto de gênero/sexualidade, os achados sugerem a possibilidade de inserir na análise os laços invisíveis.

Não foram encontradas abordagens diretas deste tipo de laços no campo profissional da administração e em estudos organizacionais. Se existem, permanecem tímidos. Todavia, a literatura que aborda os laços sociais aponta, de certo modo, a necessidade de o sujeito ser capaz de construir e manter laços estratégicos, via para obter e maximizar as oportunidades de recursos e Felder (2020) demonstrou como os laços invisíveis, em uma nova abordagem, podem ser estratégicos para apoio dos sujeitos sociais, e fontes importantes de laços fracos/fortes.

Os ambientes globalizados e de grande interação social a partir das últimas décadas do século XX refletiram em grandes estruturas sociais, sobretudo na diversidade no mercado de trabalho. Neste ambiente, práticas, sentimentos e autodefinições tornaram-se elementos comuns no ambiente social e organizacional. A considerar o contexto, neste estudo buscou-se discutir sobre gênero/sexualidade na expectativa de encontrar sinergia que possibilitar explicar o personagem nestas dimensões e sua atuação profissional, sobretudo no campo dos estudos organizacionais. Para tanto, discutiu-se sobre cultura, gênero, identidades, laços sociais.

A perspectiva de Felder (2020) e outros (Blokland *et al.*, 2022, Mazlish 2000), ampliada por considerações aqui introduzidas e associadas à temática da construção social da identidade e suas repercussões no mundo das profissões, torna-se particularmente importante para análises em ambientes globalizados e fluidos (Bauman, 2005) em contextos atuais de grande integração e aproximação tecnológica da era das mídias sociais, requerendo repensar a temática da interação social em que gênero/sexualidade no campo profissional encontram-se imersos em interações e contágios sociais de diferentes tipos.

Referências

- Barbulescu, R. (2015). The Strength of Many Kinds of Ties: Unpacking the Role of Social Contacts Across Stages of the Job Search Process. *Organization Science*, 26. Doi: 150422060034004. 10.1287/orsc.2015.0978.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.
- Blokland, T., Krüger, D., Vief, R., & Schultze, H. (2022). Where We Turn to: Rethinking Networks, Urban Space, and Research Methods. In Million, A., Haid, C., Castillo Ulloa, I., & Baur, N. (eds.), *Spatial Transformations. Kaleidoscopic Perspectives on the Refiguration of Spaces* London: Routledge.
- Blokland, T., & Nast, J. (2014). "From Public Familiarity to Comfort Zone: The Relevance of Absent Ties for Belonging in Berlin's Mixed Neighbourhoods," *International Journal of Urban and Regional Research*, Wiley Blackwell, vol. 38(4), pages 1142-1159, July.
- Blommaert, L., Meuleman, R., Leenheer, S., & Butkēviča, A. (2020). The gender gap in job authority: Do social network resources matter? *Acta Sociologica*, 63(4), 381–399. Doi: <https://doi.org/10.1177/0001699319847504>
- Bovo, C. R. M. (2015). A contribuição da teoria da rede social, de Mark Granovetter, para a compreensão do funcionamento dos mercados e da atuação das empresas. *Revista Pensamento & Realidade*, v. 29, n. 3.
- Campbell, K. E. (1988). Gender Differences in Job-Related Networks. *Work and Occupations*, 15(2), 179–200. Doi: <https://doi.org/10.1177/0730888488015002003>
- Carpenter, M. A., & Westphal, J. D. (2001). The Strategic Context of External Network Ties: Examining the Impact of Director Appointments on Board Involvement in Strategic Decision Making. *The Academy of Management Journal*, 44(4), 639–660. Doi: <https://doi.org/10.2307/3069408>
- Carter, M. (2014). Gender Socialization and Identity Theory. *Social Sciences*, 3. 242-263. Doi: 10.3390/socsci3020242
- Ciampa, A. C. (1999). Identidade: um paradigma para a psicologia social?. XI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO. Florianópolis
- Chies, P. V. (2010). Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. *Revista Estudos Feministas*, v. 18 n. 2. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2010000200013>
- Christakis, N., & Fowler, J. (2010). Social Network Sensors for Early Detection of Contagious Outbreaks. *PloS one*, 5. e12948. Doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0012948>

- Corbin, A. (1987). *A relação íntima ou os prazeres da troca*. In: Perrot, M. (Org.). História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das Letras.
- Corrêa, V. S., & Vale, G. M. V. (2017). A Dinâmica e a influência das redes sociais para o sucesso empreendedor. *Revista Organizações em Contexto*, 13(25), 1-19.
- Corrêa, V. S., Vale, G. M. V., & Pinto, M. D. R. (2018). Acoplamento e desacoplamento sociais: Pastores como empreendedores. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 58(2), 188-200.
- Costa, F. S., & Santos, A. M. (2018). Diferença e igualdade nas relações de gênero no esporte. *Revista Holos*; v. 5. Doi: <https://doi.org/10.15628/holos.2018.7607>
- Dubar, C. (1997). *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Tradução. Anette Pierrette R. Botelho e Estela Pinto R. Lamas. Portugal: Porto editora.
- Felder, M. (2020). Strong, Weak and Invisible Ties: A Relational Perspective on Urban Coexistence. *Sociology*. 54. 675–692. Doi: 10.1177/0038038519895938
- Giddens, A. (2012). *Sociologia*; tradução: Ronaldo Cataldo Costa. - 6ª. Ed. – Porto Alegre: Penso.
- Gillespie B.J., Frederick, D., Harari, L., & Grov, C. (2015). Homophily, Close Friendship, and Life Satisfaction among Gay, Lesbian, Heterosexual, and Bisexual Men and Women. *PLoS ONE* 10(6): e0128900. Doi: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0128900>
- Goel, D., & Lang, K. (2019). Social Ties and the Job Search of Recent Immigrants. *ILR Review*, 72(2), 355–381. Doi: <https://doi.org/10.1177/0019793917729350>
- Goldberg, A., Srivastava, S.B., Manian, V.G., Monroe, W., & Potts, C. (2016). *Ajustando-se ou destacando-se? The Tradeoffs of Structural and Cultural Embeddedness*. *American Sociological Review*, 81 (6), 1190–1222. Doi: 10.1177/0003122416671873
- Granovetter, M. (1973). The strength of weak ties. *American Journal of Sociology*, 78(6), 1360-1380.
- Granovetter, M. (1975). *Getting a job: a study of contacts and careers*. Chicago/London: The University of Chicago.
- Granovetter, M. (1983). The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited. *Sociological Theory*, 1, 201–233. Doi: <https://doi.org/10.2307/202051>
- Granovetter, M. (1985). Economic action and social structure: The problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, 91(3), 481-510.
- Granovetter, M. (2005). The impact of social structure on economic. *Journal of Economic Perspectives*, 19(1), 33-50.
- Granovetter, M. (2008). *Sociologie économique*. Paris: Seuil.
- Greenberg, J., & Fernandez, R. (2016). The Strength of Weak Ties in MBA Job Search: A Within-Person Test. *Sociological Science*. 3. 296-316. Doi: 10.15195/v3.a14
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade* (11ª. Edição). São Paulo: DP&A.
- Haythornthwaite, C. (2002). Strong, Weak and Latent Ties and the Impact of New Media. *Information Society*. 18. 385-401. Doi: 10.1080/01972240290108195
- Hudson-Sharp, N., & Metcalf, H. (2016) Inequality amongst lesbian, gay, bisexual and transgender groups in the UK: an evidence review. London: NIESR [Online] <https://www.gov.uk/government/publications/inequality-among-lgbt-groups-in-the-uk-a-review-of-evidence>
- Kuzubaş, T.U. (2015). Job Search Through Weak and Strong Ties: Theory and Evidence from Indonesia. Recuperado a partir de <https://uh.edu/~aszabo2/paper_2017.pdf>.
- Laqueur, T. W. (2001). *Inventando o Sexo. Corpo e gênero dos gregos a Freud*. V. Whately (trad.). Rio de Janeiro: Relume Dumará.

- Laniado, D., Volkovich, Y., Kappler, K., & Kaltenbrunner, A. (2016). Gender homophily in online dyadic and triadic relationships. *EPJ Data Science*, 5. Doi: 10.1140/epjds/s13688-016-0080-6
- Lima, F. I. A., Voig, A. E. G. T., Feijó, M. R., Camargo, M. L., & Cardoso, H. F. (2017). A influência da construção de papéis sociais de gênero na escolha profissional. *DOXA: Revista Brasileira De Psicologia E Educação*, 19(1), 33–50. Doi: <https://doi.org/10.30715/rbpe.v19.n1.2017.10818>
- Lin, N. (1999). Social networks and status attainment. *Annual Review of Sociology* 25: 467–487.
- Louro, G. L. (1995). Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. *Revista Educação e Realidade*, 20(2): 101-32. Recuperado a partir de <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722>>.
- Louro, G. L., Neckel, J. F., & Goellner, S. V. (2005). Corpo, gênero e sexualidade: Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(1): 179-199. Recuperado a partir de <<https://www.scielo.br/j/ref/a/dnJxcyCKmRz4rjsKYGyZZgK/?format=pdf&lang=pt>>.
- Louro, G. L. (2011). Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. Formação Docente – *Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação de Professores*, v. 3, n. 4, p. 62-70. Recuperado a partir de <https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/31>
- Machado, D. S., & Nascimento, M. R do. (2012). A utilização do termo imersão social nas pesquisas em Administração. *Caderno de Administração*, 18(2), 54-61, Maringá. Recuperado a partir de <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CadAdm/article/viewFile/16255/8792>.
- Maciel, C. O., Taffarel, M., & Camargo, C. (2014). Embeddedness Estrutural e Espacial em Redes Estratégicas: Efeitos Atitudinais no Nível das Díades. *RAM*, 15. Doi: 10.1590/1678-69712014/administracao.v15n3p166-190
- Maclean, T.; & Clair, J.; & Beatty, J. (2005). Out of Sight But Not Out of Mind: Managing Invisible Social Identities in the Workplace. *The Academy of Management Review*, 30. 78-95. Doi: 10.5465/AMR.2005.15281431
- Madureira, A. F. A., & Branco, A. M. C. U. (2007). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol. 23 n. 1, pp. 081-090.
- Mazlish, B. (2000). Invisible Ties: From Patronage to Networks. *Theory, Culture & Society*, 17(2), 1–19. Doi: <https://doi.org/10.1177/02632760022051086>
- McDonald, S. (2011). What's in the “old boys” network? Accessing social capital in gendered and racialized networks. *Social Networks*, 33(4), 317–330. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.socnet.2011.10.002>
- Meyer, D. E. (2004). Teorias e políticas de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. *Revista Brasileira de Enfermagem* [online]. 2004, v. 57, n. 1. pp. 13-18. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672004000100003>
- Moore, G. (1990). Structural determinants of men's and women's personal networks. *American Sociological Review*, 55(5), 726–735. Doi: <https://doi.org/10.2307/2095868>
- Mozahem, NA, Kozbar, DK, Al Hassan, AW e Mozahem, LA (2020). Gender differences in career choices among students in secondary school. *International Journal of School & Educational Psychology*, 8 (3), 184–198. Doi: <https://doi.org/10.1080/21683603.2018.1521759>
- Obukhova, E. (2012). Motivation vs. Relevance: Using strong ties to find a job in Urban China. *Social Science Research*, 41(3), 570–580. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2011.12.010>

- Ortega, J., & Hergovich, P. (2018). The Strength of Absent Ties: Social Integration via Online Dating. SSRN *Electronic Journal*. Doi: <https://doi.org/10.2139/ssrn.3044766>
- Parisotto, L. (2003). Diferenças de gênero no desenvolvimento sexual: integração dos paradigmas biológicos, psicanalítico e evolucionista. *Revista de Psiquiatria*, vol.25, nº 1, p.75-87.
- Patterson, S. E., Damaske, S., & Sheroff, C. (2017). Gender and the MBA: Differences in Career Trajectories, Institutional Support, and Outcomes. *Gender & Society*, 31(3), 310–332. Doi: <https://doi.org/10.1177/0891243217703630>
- Praça, M., & Souza-Leite, C. R. V. (2016). A relação profissão e gênero, a sociedade e sua cultura. *Revista Plures Humanidades*. v. 18, n. 1.
- Rademacher, M. A., & Wang, K. Y. (2014). "Strong-Tie Social Connections Versus Weak-Tie Social Connections". *Scholarship and Professional Work - Communication*. 103. Doi: https://digitalcommons.butler.edu/ccom_papers/103
- Raud-Mattedi, C. (2005). Análise crítica da Sociologia Econômica de Mark Granovetter: os limites de uma leitura do mercado em termos de redes e imbricação. *Política e Sociedade*, v. 6 (6), abril, 59-82.
- Renzulli, L., Aldrich, H., & Moody, J. (2000). Family Matters: Gender, Networks, and Entrepreneurial Outcomes. *Social Forces*. 79. 523-546. Doi: 10.1093/sf/79.2.523
- Saavedra, L. (2009). Assimetrias de Género nas Escolhas Vocacionais, Guião de Educação, Género e Cidadania, Lisboa, pp.121-130. Recuperado a partir de <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/19997/1/Assimetrias%20de%20g%C3%A9nero.pdf> [GS Search]>.
- Scott, J. (1989). *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. New York: Columbia University Press. Tradução de Christiane Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila.
- Sousa, D., & Cerqueira-Santos, E. (2011). Redes sociais e relacionamentos de amizade ao longo do ciclo vital. 28. 53-66. Recuperado a partir de <https://www.researchgate.net/publication/317466720_Redes_sociais_e_relacionamentos_d_e_amizade_ao_longo_do_ciclo_vital>
- Swedberg, R. (2004). Sociologia econômica: hoje e amanhã. *Tempo Soc.* [online]. vol.16, n.2, pp.7-34. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-20702004000200001>
- Tálamo, J. R., & Carvalho, M. M. (2010). Redes de cooperação com foco em inovação: um estudo exploratório. *Gest. Prod.*, São Carlos, v. 17, n. 4, p. 747-760.
- Tílio, R. (2014). Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. *Revista Gênero*. v. 14 n. 2 (2014): Doi: <https://doi.org/10.22409/rg.v14i2.626>
- Torrao Filho, A. (2005). Gender issue: where masculine and feminine meet. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 24. Recuperado a partir de <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010483332005000100007&lng=en&nrm=iso>.
- Zölitz, U., Feld, J. (2020): The Effect of Peer Gender on Major Choice in Business School. Open Access Victoria University of Wellington | *Te Herenga Waka. Journal contribution*. Doi: <https://doi.org/10.25455/wgtn.15050580.v1>
- Zukin, S., & Dimaggio, P. (1990). Introduction. In: ZUKIN, Sharon; DIMAGGIO, Paul. *Structures of capital The social organization of the economy*. Cambridge: Cambridge University Press. p. 1-36.
- Wilkinson, J. (2002). Sociologia econômica, a teoria das convenções e o funcionamento dos mercados: inputs para analisar os micro e pequenos empreendimentos agroindustriais no Brasil. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 805-824.

- Wright, J. (1999). Changing Gendered Practices in Physi Education: Working with Teachers. *European Physical hEducation Review*, 5(3), 181–197. Doi: <https://doi.org/10.1177/1356336X990053002>
- Yin, X., Wu, J., & Tsai, W. (2012). When Unconnected Others Connect: Does Degree of Brokerage Persist After the Formation of a Multipartner Alliance? *Organization Science*, 23(6), 1682–1699. Doi: <https://doi.org/10.1287/orsc.1110.0711>